

CATEGORIAS GRAMATICAIS EM SALA DE AULA: A FLUTUAÇÃO ADJETIVO-ADVÉRBIO

Edvaldo Balduino BISPO⁶

Resumo: Focalizo, neste artigo, a fluidez categorial entre adjetivo e advérbio, contemplando a abordagem dessa questão em sala de aula da Educação Básica. Objetivo analisar aspectos envolvidos no processo de categorização gramatical, a exemplo de prototipicidade, gradiência e fluidez, e discutir o tratamento da flutuação adjetivo-advérbio em aulas de Língua Portuguesa. Assumindo a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso, mostro como são caracterizados adjetivo e advérbio, que propriedades os aproximam e em que contextos ocorre fluidez entre essas categorias. Analiso dados de língua em uso, os quais são provenientes de fontes variadas, incluindo *corpus* de fala e escrita (FURTADO DA CUNHA, 1998 e 2011), revistas e sites da internet.

Palavras-chave: Categoria gramatical. Flutuação categorial. Funcionalismo.

Abstract: *In this paper, I focus on the categorial fluidity between adjective and adverb, by considering the discussion of this aspect in Portuguese Language teaching. I aim to analyze some aspects involved in the process of grammatical categorization, such as prototypicality, gradience and fluidity, and to discuss the treatment of the boundaries adjective-adverb in Portuguese Language classes. Based on the framework of Linguística Funcional Centrada no Uso, I show how adjectives and adverbs are characterized, which similar properties they have, and in which contexts there are no boundaries between these categories. I analyze samples from language in use – written and spoken corpora, such as Furtado da Cunha (1998, 2011), as well as magazines and websites.*

Keywords: *Grammatical category. Categorial fluidity. Functionalism.*

⁶ Departamento de Letras, UFRN, Natal-RN, Brasil, edbbispo@gmail.com.

Introdução

O ensino de categorias gramaticais ocupa, há muito tempo, grande parte das aulas de Língua Portuguesa nas escolas de Educação Básica. Como atesta a clássica pesquisa empreendida por Neves (1990), cerca de 85% do conteúdo gramatical trabalhado relaciona-se à morfossintaxe. Desse universo, quase metade é dedicada às classes de palavras. Nesse particular, o estudo ocorre, via de regra, de maneira descontextualizada, sem que sejam levados em conta fatores internos e externos à língua que interferem, por exemplo, no comportamento morfológico de determinado elemento. Além disso, trabalha-se, muitas vezes, com frases, ou mesmo palavras isoladas, criadas com o fim específico de ensinar dada categoria. Dessa metodologia resulta, não muito raro, dificuldade dos educandos em identificar a classe de um item, quando se deparam com situações reais de uso da língua em que há fluidez categorial.

Dada essa realidade, faz-se necessário considerar o contexto imediato em que ocorrem os itens linguísticos, além de todo o contexto de uso em que se insere esse elemento ou a construção⁷ de que ele faz parte, aí incluídos o momento de produção, os participantes da interação, os propósitos comunicativos implicados, o gênero textual, entre outros. Nessa direção, uma perspectiva de estudo de fatos linguísticos centrada no uso da língua, como é o caso do Funcionalismo, parece ser mais produtiva na investigação de categorias gramaticais.

Entre os pressupostos básicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2013) está a concepção de que as categorias linguísticas não são discretas, bem definidas, limitadas, conforme estabelecido na Gramática Tradicional. Entende-se que a categorização das formas linguísticas se baseia na experiência que temos das construções em que elas ocorrem, do mesmo modo que as categorias por meio das quais nós classificamos objetos da natureza e da cultura são baseadas na nossa experiência com o mundo. Assim, a identificação de um elemento como pertencente a uma dada categoria é feita com base num exemplar que reúne propriedades recorrentes de que se compõe essa categoria, o representante prototípico. Os outros elementos da mesma categoria são classificados considerando as características mais próximas e as mais distantes em relação ao exemplar prototípico. Essa perspectiva não categórica e não discreta permite o tratamento escalar e contínuo de aspectos gramaticais.

⁷ Emprego o termo *construção* para designar o pareamento forma-significado, tal como formulado na Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Uma teoria linguística que pretenda descrever e explicar o uso da língua pelos falantes em suas interações verbais tem, necessariamente, que levar em conta as situações e os contextos comunicativos em que esse uso se atualiza. A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) concebe a gramática como resultado da estruturação de aspectos comunicativos e cognitivos da linguagem (TRAUGOTT, 2004). Para essa vertente teórica, a estrutura da língua emerge à medida que esta é usada (BARLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 2010, 2011). A LFCU entende a aparente regularidade e a instabilidade da língua como motivadas e modeladas pelas práticas discursivas dos usuários no cotidiano social (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007).

Partindo dessa visão, abordo, neste texto, a flutuação categorial entre adjetivo e advérbio qualitativo (tradicionalmente denominados advérbios de modo) e sua codificação no Português Brasileiro (PB). Dois são os objetivos perseguidos: i) analisar aspectos relativos à gradiência e à fluidez categorial dessas classes, considerando circunstâncias reais de uso da língua; ii) discutir a abordagem da flutuação dessas categorias em sala de aula da Educação Básica.

Os dados para análise provêm de fontes diversas, as quais incluem textos impressos de revistas e de sites da internet, além do *corpus Discurso & Gramática*: a língua falada e escrita na cidade de Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998) e do *Banco Conversacional de Natal* (FURTADO DA CUNHA, 2011). O trabalho possui caráter eminentemente qualitativo, descritivo e explicativo, uma vez que investiga fatores cognitivos e comunicativos responsáveis pela mudança que se observa no emprego dos advérbios qualitativos.

Classes gramaticais: prototipicidade e gradiência

A identificação de classes de elementos gramaticais implica categorização. Neste trabalho, a categorização é tomada como um processo cognitivo de domínio geral no sentido de que categorias perceptuais de vários tipos são criadas a partir da experiência humana, independentemente da língua. No domínio linguístico, a categorização diz respeito à semelhança ou identidade que ocorre quando palavras e sintagmas e suas partes componentes são reconhecidas e associadas a representações armazenadas. As categorias resultantes são a base do sistema linguístico, sejam fonemas, morfemas, itens lexicais, sintagmas ou construções (BYBEE, 2010).

Nessa perspectiva, a construção de conceitos relaciona-se às experiências do ser humano no ambiente biofísico e sociocultural, e são esses conceitos que nos permitem caracterizar mentalmente as categorias e raciocinar sobre elas por meio de um exemplar ou protótipo.

Assim, as categorias exibem efeitos prototípicos, de modo que alguns exemplares são membros centrais da categoria enquanto outros são mais marginais. Esse pertencimento graduado se revelou em experimentos com categorias naturais e culturais (ROSCH, 1973, 1978; TAYLOR, 1995; CROFT; CRUSE, 2004). Podemos ilustrar essa propriedade com a categoria natural mamífero: alguns animais, como o cachorro e o gato, são tidos como mais centrais à categoria do que outros, por exemplo, morcego ou peixe-boi. A prototipicidade está diretamente relacionada a aspectos socioculturais, de modo que pessoas de culturas distintas variam quanto à escolha do melhor exemplar de uma dada categoria.

A categorização permeia nossa relação com o mundo físico e social e com nosso intelecto. Entendemos o mundo não apenas em termos de coisas individuais, mas também em termos de *categorias de coisas*. E isso se dá também no domínio linguístico: do mesmo modo que categorizamos o universo biofísico e sociocultural, categorizamos a língua. Tomemos como exemplo a categoria substantivo. O item *menino* apresenta as características associadas ao protótipo: designa um referente concreto, flexiona em gênero e número, pode ser núcleo de um SN, pode ser precedido de determinante e acompanhado por modificador. Por sua vez, o item *relevância* não exhibe algumas dessas propriedades (designa um referente abstrato e não flexiona em gênero e número), afastando-se do protótipo.

Segundo Rosch (1973), a prototipicidade é possivelmente uma consequência de propriedades inerentes à percepção humana, como a saliência cognitiva. Cada protótipo nos possibilita realizar um conjunto de tarefas inferenciais ou imaginativas sobre uma dada categoria. Esse processo envolve tanto a gradiência (não discretude) quanto a fixidez de determinados traços ou propriedades.

A gradiência é aqui entendida, à semelhança de Traugott e Trousdale (2010), como um produto da mudança diacrônica gradual, relacionada a padrões de uso que modelam a representação gramatical, na linha de Croft (2000) e Bybee (2006). Nesse sentido, a gradiência se refere ao fato de que muitas categorias da língua (e da gramática) não podem ser facilmente distinguidas devido à variação que há entre unidades de uma mesma categoria (em diferentes níveis) e em função da mudança que ocorre ao longo do tempo, de modo gradual, movendo um elemento em um contínuo de uma categoria à outra. A língua é, pois, vista como um sistema adaptativo complexo, que sempre exhibe variação e gradiência. Acrescente-se, ainda, que essa perspectiva é também coerente com o pressuposto construcionista quanto ao *continuum* (e não rara indeterminação) entre léxico e gramática, conforme abordado em Brinton e Traugott (2005). Desse modo, enquanto a gradiência é tratada como um fenômeno sincrônico, a

gradualidade é um processo diacrônico. Sincronicamente, cadeias de elementos linguísticos podem ser organizadas em um contínuo de categorialidade e de gramaticalidade, de maneira que, no que diz respeito à gradiência, por um lado, alguns membros de uma categoria são “melhores”, mais exemplares do que outros, conforme postula a teoria dos protótipos (LAKOFF, 1987; TAYLOR, 1995); por outro, as fronteiras entre categorias são indistintas e vagas. Logo, ao invés de serem definidas, em termos binários e discretos, as coisas percebidas distribuem-se num *continuum* categorial, em que alguns elementos localizam-se mais nos polos da escala, com propriedades conceituais mais ou menos bem definidas, e outros se situam em instâncias intermediárias, por compartilharem características de uma e outra categoria.

A variação e a gradiência em categorias gramaticais, constatadas sincronicamente, são resultado direto dos processos de micromudanças que afetam morfemas e moldam suas propriedades de forma e significado. É sabido que morfemas lexicais podem tornar-se morfemas gramaticais no processo de gramaticalização⁸ (como quando o morfema lexical *ir* se torna parte da construção de futuro *ir* + V_{INF}), e nesse processo gradualmente se tornam mais dependentes de, e finalmente fundidos com, material adjacente. Os morfemas derivacionais passam pelo mesmo processo. Assim, o sufixo *-mente*, formador de advérbio de modo, deriva do morfema lexical *mente* (= intelecto, espírito). Embora em alguns advérbios esse morfema mantenha seu significado lexical, como em *tranquilamente* (com a mente tranquila), no processo de gramaticalização, seu significado se generaliza e o elemento passa a ter outros sentidos, como se pode ver em *adequadamente* (de modo adequado) e *respeitosamente* (de modo respeitoso).

Vale destacar que as mudanças que afetam as categorias linguísticas, de qualquer nível, se dão pela sucessão de pequenos passos discretos, denominada na literatura como gradualidade (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Sincronicamente, a gradualidade se manifesta em variação de pequena escala e gradiência. Assim, no caso dos advérbios de modo, a sucessão de micropassos, no processo de mudança, teve como resultado a perda do *status* nominal de *mente*, que passou a funcionar como morfema gramatical. Nesse sentido, *mente* passou a ser um representante periférico de nome na construção [ADJ + *mente*] = [de modo ADJ], como em *tranquilo* + *mente* = de modo tranquilo.

⁸ Em linhas gerais, a gramaticalização compreende variação, mudança e estabilização do sistema linguístico. Utilizo aqui *gramaticalização* nos termos de Croft (2000) para nos referirmos ao processo pelo qual a gramática é criada.

Adjetivos e advérbios qualitativos

Em linhas gerais, o adjetivo é tomado como a categoria que modifica a significação de um substantivo, destacando-lhe uma propriedade, um aspecto, um modo de ser. Possui basicamente funções atributiva e predicativa. Flexiona-se em gênero e número e admite graduação.

Dadas suas propriedades semânticas e, principalmente, morfológicas, aproxima-se da classe dos substantivos, com quem compartilha, entre outras propriedades, a flexão em gênero e número (*amigo rico/ amiga rica/ amigos ricos*). Seu papel de modificar um termo com que se relaciona (*pessoa amável*) é compartilhado pelo advérbio (*falava amavelmente*). Por fim, características tanto morfológicas quanto sintáticas são compartilhadas por adjetivos e verbos em sua forma passiva (*os livros jogados no lixo estavam em boas condições*). Daí se pode deduzir que as fronteiras entre essas categorias nem sempre são bem definidas, recortadas; ao contrário, há bastante fluidez entre elas.

Além dessa flutuação categorial, ocorre também gradiência dentro da própria classe de adjetivos. Conforme mostra Silva (2011), diversos aspectos semânticos são expressos pelo adjetivo, o que permite uma ampla classificação dessa categoria. Assim, segundo propõe o mesmo autor, os adjetivos podem ser: denominativos (efeito *colateral*), tipológicos (fato *linguístico*), semirrelativos (roupa *alugada*), situadores (situação *atual*), quantitativos (*diversas* atividades), descritivos (sala *enorme*) e avaliativos (*grandes* conquistas).

Quanto ao advérbio, assumo aqui a proposta de que, do ponto de vista sincrônico, os advérbios são elementos que prototipicamente modificam o verbo, podendo ainda modificar adjetivos e outros advérbios. A denominação *advérbio qualitativo*, que corresponde à classificação da tradição gramatical *advérbio de modo* foi proposta por Ilari et al. (1996), que o definem como um tipo de advérbio predicativo. Em paralelo à construção SUBSTANTIVO-ADJETIVO (por ex., *resposta correta*), esse advérbio modifica o sentido dos elementos a que se refere (por ex., *responder corretamente, responder bem*). Segundo Martelotta (2012, p. 54), “trata-se de um dos advérbios mais prototípicos, modificando a ação verbal pela indicação do modo como ela ocorre”. Para esse autor, há uma gradação que vai de um tipo de advérbio que descreve mais concretamente o modo como a ação acontece (por ex., *A moça andava apressadamente*), para um tipo de advérbio usado pelo falante para avaliar o modo como a ação se deu (por ex., *João se comportou grosseiramente*).

Ainda de acordo com Martelotta (2012), o advérbio em *-mente* pode também caracterizar a atitude do sujeito, ao invés de simplesmente atuar como modificador da ação verbal (por ex., *O presidente, corajosamente, enfrentou os políticos contrários à aprovação da lei*). Conforme o linguista (2012, p. 56), “existe uma relação metonímica entre a ação verbal e seu agente, que licencia esses usos”, na linha de Givón (2001), para quem o papel semântico de *modo* indica a maneira como um evento ocorre ou como um agente desempenha a ação.

O último grupo de advérbios em *-mente* reúne os modalizadores, advérbios que expressam algum tipo de intervenção do falante, ao qualificar o conteúdo de seu enunciado “por meio da definição de sua validade ou das nuances emocionais e pragmáticas a ele associadas. Esses advérbios são sentenciais por natureza, já que modificam o conteúdo transmitido no nível da sentença” (MARTELOTTA, 2012, p. 58). Constata-se, outra vez, uma relação de extensão entre os advérbios de sentença e os advérbios modificadores do verbo, uma vez que o uso dos primeiros se origina de valores qualitativos, por processo de gramaticalização. Os exemplos a seguir são citados pelo autor (p. 58).

- (1) a. Certamente, João chegará amanhã.
- b. Felizmente, ninguém se afogou.
- c. Francamente, eu não gosto de chuva.

Grande estudioso do assunto, Martelotta (2011) explica a passagem do advérbio de modo para modalizador. Adotando a perspectiva de Traugott e Dasher (2005), que propõem uma relação entre advérbios de modo e modalizadores (os advérbios sentenciais), Martelotta esclarece que os modalizadores, ao contrário dos advérbios de modo, não modificam o verbo, mas a oração como um todo. Esse uso sentencial, na proposta de Traugott e Dasher, se desenvolveu por meio da trajetória de gramaticalização *advérbio interno à oração > advérbio sentencial > marcador discursivo*. Desse modo, conclui Martelotta (2011, p. 100): “os modalizadores são resultados de processos de gramaticalização em que o advérbio que originalmente apresentava valor de modo assume a função de indicar a perspectiva do falante em relação ao conteúdo transmitido”. Martelotta ressalta que, no caso do advérbio em *-mente*, seu uso com função de marcador discursivo não é frequente. Sua ocorrência está relacionada a situações em que ele não é expressivo e serve, principalmente, para preencher vazios ou interrupções na fala quando o falante planeja seu discurso. Esse uso é mais comum com os advérbios *realmente* e *naturalmente*, como em:

(2) ... a economia **realmente** ... ela é um assunto que talvez se/seja falado por muitos anos e pra resolver seja uma pessoa de pulso muito forte ... pra que consiga dominar toda essa situação ... (*Corpus D&G Natal*, p. 89).

No trecho em (2), há várias evidências de que *realmente* não se comporta como um advérbio prototípico: não funciona como modificador de verbo, não indica circunstância de modo e é seguido de pausa indicativa de hesitação do falante.

Observa-se, portanto, uma gradiência dos advérbios em *-mente*: no extremo lexical do contínuo, encontram-se os advérbios de modo (*tranquilamente*); no extremo gramatical, ficam os marcadores discursivos (*realmente*); nas posições intermediárias, localizam-se os de atitude (*corajosamente*) e os modalizadores (*certamente*). Essa gradiência correlaciona-se ao grau de pertencimento à categoria advérbio qualitativo, de modo que os itens que se posicionam no extremo lexical do contínuo são mais prototípicos do que aqueles que estão no outro extremo.

Fluidez categorial e rotinização

Além de adjetivos e advérbio de modo apresentarem gradiência, dados os distintos valores de que se revestem, conforme exemplificado na seção anterior (denominativo, tipológico, semirrelativo, situador, quantitativo, descritivo e avaliativo, para adjetivo; qualitativo, de atitude, modalizador e marcador discursivo, para advérbio) é possível ainda constatar a fluidez entre as categorias de adjetivo e de advérbio.

Quando fazemos um cruzamento de traços do advérbio de modo e do adjetivo, notamos uma relação de identidade quanto às suas propriedades semânticas, já que ambos têm o papel de modificador, diferenciando-se com relação ao elemento que modificam: o verbo para o advérbio e o substantivo para o adjetivo. Assim como o advérbio de modo predica um atributo da ação, o adjetivo predica um atributo do nome a que se refere. Morfologicamente, no entanto, essas classes se distinguem na medida em que o advérbio é invariável, enquanto o adjetivo é uma palavra variável.

A aproximação entre essas duas categorias sugere um processo de mudança linguística que envolve a passagem de um elemento de uma categoria (o adjetivo) para outra (o advérbio). Essa mudança ocorre em contextos específicos e envolve perda de propriedades morfológicas (flexão de gênero e número) e expansão funcional (modificador de substantivo e de verbo). O adjetivo com funcionamento adverbial tem como escopo verbos intransitivos ou

detransitivizados e ocorre sempre em posição pós-verbal, característica do advérbio de modo. Vejamos algumas ocorrências encontradas no *Corpus D&G Natal*.

(3) eu já ... já tenho outra opinião sobre isso ... mas eu gosto da ... ele é uma pessoa muito espiritualizada e eu gosto ... às vezes eu gosto de ouvi-lo ... ele tem ... fala coisas muito ... com muita sabedoria às vezes ... quando ele **fala sério** ... mas não leva é ... entrevistas do nível de Jô Soares não ... (*Corpus D&G Natal*, p. 158).

(4) E: e a alimentação durante o vôo?

I: a alimentação ...

E: você comia **legal**?

I: eu comia pouco ... apesar de muito bonita a alimentação eu comia pouco porque eu tinha medo de enjoar ... ((riso)) (*Corpus D&G Natal*, p. 98).

Vale notar que nem sempre há equivalência semântica entre essa forma adjetiva e o advérbio em *-mente* correspondente (*comia legal* não equivale a *comia legalmente*, por exemplo). Isso parece confirmar a natureza escalar dessas classes gramaticais: em um extremo da escala, estariam os adjetivos prototípicos; no outro extremo, os advérbios prototípicos; os espaços intermediários seriam ocupados pelos itens ambíguos entre uma leitura adjetival ou adverbial.

Em sua tese de doutorado, Vidal (2009) focaliza a migração progressiva de uma categoria para a outra, considerando itens que ora apresentam propriedades morfossintáticas próprias do adjetivo, ora identificam-se com o comportamento do advérbio de modo, e ora ainda se colocam como um caso ambíguo, oscilando entre uma classificação e outra. Ou seja, exibem um comportamento morfossintático híbrido entre adjetivo e advérbio. Essa possibilidade de manifestação demonstra a configuração escalar em que se alinham essas classes de palavras. Vejamos as ocorrências em (5), (6) e (7).

(5) ... bom eu desisto ... eu já ... já apliquei tudo que era castigo ... que eu devia ... consegui aplicar nele ... fora ... eu já sei que ... que as pessoas que **nascem leais** a você ... **morrem leais** a você ou ao menos crêem que é ... (*Corpus D&G Natal*, p. 368).

(6) ... eles compra o voto ... pega lá ... vai ... dá um dinheirinho e diz ... “olhe ... vote em fulano” ... ele vai e vota ...nem sabe pra quê ... mas vivem em condições miseráveis ... eles têm um dinheirinho a mais ... eles não vão negar ... quer dizer ... o ... daí já lhe tira o direito de ... de escolher o número melhor ... eles são obrigado a **viverem ruim** ... (*Corpus D&G Natal*, p. 86).

(7) ... eu tava assim de costa ... aí quando ele passou ... aí eu olhei ... menina ... todos dois se **olharam juntinhos** ... eu e ele ... (*Corpus D&G Natal*, p. 356).

Comparando as ocorrências, é possível observar que, em (5), a forma *leais* tem o funcionamento típico de um adjetivo, tanto morfológica, quanto sintática e semanticamente: apresenta flexão de plural, concordando com o substantivo *pessoas*, que modifica, atribuindo-lhe uma qualidade. Em (6), por outro lado, a forma *ruim* é morfológicamente invariável e incide diretamente sobre o verbo, acrescentando a este uma circunstância de modo, o que, semanticamente, a aproxima de um advérbio. Em (7), *juntinhos* apresenta um comportamento ambíguo, indefinido, entre sua inclusão na classe do adjetivo ou do advérbio. No plano semântico, a substituição de *juntinhos* por *simultaneamente* permite uma interpretação adverbial desse item. Do ponto de vista morfológico, *juntinhos* se apresenta flexionado em gênero e número, concordando com *todos os dois*, como um adjetivo. Há, portanto, uma sobreposição de traços de adjetivo e advérbio, contribuindo para tornar mais difusa e fluida a fronteira entre essas classes gramaticais.

A possibilidade de ocorrência do adjetivo com valor adverbial, flexionado em gênero e número, concordando com o substantivo sujeito da oração, em (7), indica que a regularização dessas formas ainda está em processo. O usuário da língua parece vacilar entre a flexão ou não do adjetivo que apresenta um novo funcionamento semântico-discursivo. Isso se deve, entre outros fatores, à frequência de uso desse elemento com a nova acepção.

A questão da frequência de uso é crucial tanto para a flutuação categorial adjetivo > advérbio quanto para a gradiência dentro de uma categoria. Dentre as expressões formadas por verbo intransitivo + adjetivo adverbializado, a exemplo daquelas presentes em (5) a (7), existem algumas que exibem um grau maior de integração em vários níveis linguísticos (morfo-sintático, semântico-pragmático e discursivo), como é o caso de *fala sério* e *pegar pesado*, muito recorrente em situações informais no uso da língua. Vejam-se os dados em (8) e (9).

(8) Olha o que ele fez!
Ele beijou a amiga dele
"Ele dizia tanto que me amava, que quando saiu sozinho beijou a amiga dele! Fala sério!"
(Disponível em: <http://capricho.abril.com.br>. Acesso em: 26 ago. 2014)

(9) Imprensa mineira pega pesado em provocação a Felipão
O pessoal do jornal Estado de Minas **pegou pesado** com Felipão.
Em uma tentativa de chamar o torcedor do Cruzeiro para o jogo de logo mais, os jornalistas mineiros acabaram tirando onda com Luiz Felipe Scolari.
(Disponível em: <http://jbfilhoreporter.final.com.br>. Acesso em: 26 ago. 2014)

É possível observar que, em (8), o uso de *fala sério* não remete à ideia de alguém *falar com seriedade*, mas está relacionado à atitude avaliativa da autora do texto (leitora da revista *Capricho*) em relação ao sentimento alegado por parte de outra pessoa (possivelmente seu namorado ou paquera). Em (9), *pegar pesado* também não diz respeito à ação de *pegar* (prender, segurar, tomar com a mão) *de modo pesado* ou algo equivalente, mas refere-se à ideia de *ser incisivo/severo/duro em alguma ação ou atitude*. Nos dois casos, as expressões estão integradas de tal modo que as percebemos como uma só unidade de forma (não mais reconhecemos suas partes como independentes) e de sentido (o entendimento não decorre da soma dos significados de cada componente).

Conforme asseveram Croft e Cruse (2004), as propriedades do uso de enunciados na comunicação também determinam a representação de unidades gramaticais na mente do falante. Isso porque a língua é adquirida por meio da exposição a eventos reais de uso. A frequência com que uma expressão é experienciada pelo falante determina o grau em que ela é armazenada como uma unidade em sua memória, muito embora ela possa ser decomposta em partes individuais. Assim, dada sua frequência de uso, a expressão *fala sério*, em (8), é tomada como um todo sintático-semântico, conquanto suas partes possam ser identificadas.

Flutuação categorial na sala de aula

Dadas as discussões apresentadas ao longo deste artigo e a perspectiva teórica em que as fundamento, é fácil entender como deve ser a abordagem das categorias gramaticais em aulas de Língua Portuguesa, sobretudo no contexto da Educação Básica. É preciso considerar o uso real que os falantes fazem da língua e os fatores linguísticos e extralinguísticos que contingenciam esse uso (FURTADO DA CUNHA, BISPO, SILVA, 2014).

Isso significa que, em vez de um trabalho que privilegie a palavra ou a frase, tomadas de forma isolada e autônoma, é necessário levar em conta unidades maiores, como o parágrafo e o texto. Além disso, também é preciso considerar as relações locais dos elementos linguísticos entre si e as macrorrelações semânticas desses elementos com o sentido global do texto e os propósitos comunicativos que se pretende alcançar.

Dessa forma, o papel dos itens linguísticos, como é o caso de seu comportamento morfológico, é investigado em situações reais de fala e/ou escrita. Também devem ser levadas em conta, nesse estudo, as relações que esses itens mantêm com outros elementos do cotexto imediato de uso e com o contexto discursivo no qual se insere o termo investigado, aí incluídos

os participantes da interação verbal, o tempo e o espaço em que se dá essa interação, os objetivos comunicativos implicados, o compartilhamento de informações entre esses interlocutores, inferências pragmáticas de toda sorte etc.

Outro aspecto a ser considerado diz respeito à maleabilidade da língua. Isso implica admitir não apenas a variação linguística, mas também que a gramática sofre mudanças e que suas categorias não são estanques, discretas, com fronteiras bem delimitadas. A ideia é que há um *continuum* em que se distribuem as categorias gramaticais, as quais agrupam um conjunto de elementos linguísticos, alguns mais prototípicos e outros menos representativos de dada categoria (TAYLOR, 1995). Assumir a existência de elementos mais exemplares de certa classe ao lado de outros mais marginais auxilia, de forma significativa, a compreensão de diversas situações de uso da língua em que determinados itens exibem poucos traços característicos de uma categoria, embora façam parte dela. É o que acontece em (6), retomado a seguir.

(6) ... eles compra o voto ... pega lá ... vai ... dá um dinheirinho e diz ... “olhe ... vote em fulano” ... ele vai e vota ...nem sabe pra quê ... mas vivem em condições miseráveis ... eles têm um dinheirinho a mais ... eles não vão negar ... quer dizer ... o ... daí já lhe tira o direito de ... de escolher o número melhor ... eles são obrigado a viverem **ruim** ... (*Corpus D&G Natal*, p. 86).

O elemento em destaque, embora apresente forma idêntica a um adjetivo, comporta-se morfológica, sintática e semanticamente como advérbio: é invariável, tem escopo sobre o verbo que o precede, indicando-lhe uma circunstância de modo. Contudo, não apresenta a forma típica dos advérbios qualitativos (com a terminação em *-mente*). Ou seja, é um elemento não exemplar da categoria.

Além disso, a ideia de *continuum* também dá conta dos casos em que um item linguístico apresenta propriedades de mais de uma classe, conforme ocorre com os participípios passivos e com os chamados adjetivos adverbializados. Observemos:

(10) Abro um parêntese nesta estória para dizer que Jorge me falou que aprendera a ler com muita dificuldade. E sua literatura, quando de seu aprendizado, resumiu-se a leituras **feitas** em recortes de papéis avulsos, tais como: pedaços de revistas, literatura de cordel, papéis de jornal que serviam para embrulhar o sabão comprado na bodega, etc. (*Corpus D&G Natal*, p. 166).

(7) ... eu tava assim de costa ... aí quando ele passou ... aí eu olhei ... menina ... todos dois se **olharam juntinhos** ... eu e ele ... (*Corpus D&G Natal*, p. 356).

Em (10), o termo em negrito, por um lado, apresenta características que lembram sua natureza verbal: trata-se da forma participial de *fazer*, além de o termo ser escapado por uma expressão de valor circunstancial (*em recortes de papéis avulsos*); por outro lado, exibe propriedades adjetivais, como o papel de modificador em relação ao substantivo a que se refere (*leituras*), além de flexão em gênero e número. Da mesma sorte, *juntinhos* em (7) apresenta um comportamento híbrido, podendo ser incluído na classe do adjetivo ou na do advérbio. Do ponto de vista semântico, o termo equivale a *simultaneamente*, o que corresponde a uma interpretação adverbial. No plano morfológico, *juntinhos* está flexionado em gênero e número, concordando com a expressão *todos os dois*, como um adjetivo. Ocorre, desse modo, uma sobreposição de traços de adjetivo e advérbio, contribuindo para tornar mais indefinida e fluida a fronteira entre essas classes gramaticais.

Aliado a essas questões (de plasticidade da língua e de *continuum*), é importante que o professor considere, ao trabalhar as categorias gramaticais em sala de aula, que o significado ou o comportamento morfossintático de um elemento linguístico podem estar relacionados à construção de que ele faz parte. Some-se a isso o fato de que a frequência de uso com que determinadas construções são utilizadas tem um impacto direto no armazenamento em nossa memória e interfere no modo como categorizamos os elementos que as integram: podemos identificá-los separadamente ou tomá-los como um só bloco. É o que se dá, por exemplo, com as construções *fazer bonito* e *fala sério*, muito comuns na fala cotidiana ou mesmo em situações de escrita informal.

(11) *Seleção brasileira de handebol espera **fazer bonito** no Mundial*
Atacante Guilherme Valadão, porém, alerta para dificuldade do grupo do Brasil
DOHA - Será difícil, mas o Brasil espera ir longe. A seleção brasileira masculina de handebol espera fazer bom papel no Mundial da categoria, que começou a ser disputado nesta quinta-feira no moderno Lusail Multipurpose Hall, em Doha, no Qatar.
(Disponível em: <http://oglobo.globo.com>. Acesso em: 15/01/2015)

(12) *Fala sério, o slow motion do Zack Snyder é muito maneiro*

Bons diretores deixam suas marcas registradas no cinema pra todo sempre. Kubrick, Hitchcock, Irmãos Coen, Scorsese e por aí vai. Todos possuem peculiaridades que tornam suas obras únicas. Nosso querido **Zack Snyder**, O VISIONÁRIO DIRETOR DE 300, pode não ser lá o maior gênio de todos os tempos, e muito menos tenha reinventado a roda. Porém, ruins ou não, seus filmes possuem um forte traço: o **SLOW MOTION**.
(Disponível em: <http://www.amigosdoforum.com.br>. Acesso em: 21/01/2015)

Tanto em (11) quanto em (12), temos, ao que parece, uso de adjetivo com valor adverbial, ou melhor, de adjetivos adverbializados. Essa adverbialização do adjetivo, como já disse na seção anterior, ocorre em contexto específico, em construções formadas de verbo intransitivo ou *detransitivizado* + adjetivo, conforme se dá em *fazer bonito* e *fala sério*. O elemento de natureza anteriormente adjetiva sofre mudanças morfossintáticas (perda da flexão, atuação como modificador de verbo). No caso das construções em foco, outro aspecto as particulariza: o fato de constituírem, em cada caso, uma só unidade de processamento, de modo que são percebidas como um todo sintático-semântico. Assim é que, em (12), *fazer bonito* não significa, a rigor, *fazer de modo bonito*, mas “ter bom desempenho” ou “jogar bem”. Da mesma sorte, em *fala sério*, não temos a correspondência semântica com *falar com seriedade*, mas um caso de avaliação, por parte do redator, em relação a uma técnica utilizada pelo diretor de cinema Zack Snyder.

Um trabalho que leve em conta as questões ilustradas e comentadas anteriormente permite maior flexibilidade ao professor de Língua Portuguesa ao lidar com diferentes situações de sala de aula e proporciona aos alunos uma melhor compreensão dos fatos da língua. Além disso, torna o ensino de categorias gramaticais mais significativo, pois, entre outras coisas, oportuniza aproximar o trabalho com um tópico didático à realidade linguística com a qual a maior parte dos alunos se depara em suas interações verbais cotidianas.

Considerações finais

Tratamos, neste artigo, em uma perspectiva funcional centrada no uso, da gradiência e fluidez implicadas nas categorias *adjetivo* e *advérbio qualitativo* e da abordagem em sala de aula da flutuação entre essas duas categorias. Alguns dos fatores considerados na discussão ao longo do texto foram os efeitos da frequência de uso, a modelagem dos elementos linguísticos no contexto discursivo e as inferências pragmáticas que acompanham a língua na interação.

As ocorrências analisadas possibilitaram atestar que as categorias de advérbio e de adjetivo não são discretas, mas distribuem-se num contínuo, de acordo com seu funcionamento semântico-discursivo. O processo cognitivo de categorização permite que o usuário da língua reconheça as características que definem o exemplar prototípico de uma ou de outra categoria, e associe os membros mais afastados do protótipo às representações armazenadas com relação a essa categoria. Assim, o falante é capaz de armazenar na memória, com base na exposição

aos dados, tanto padrões linguísticos que são convencionalizados e recorrentes no uso da língua quanto aqueles com os quais mantém alguma semelhança ou identidade formal e/ou funcional.

Foi possível, ainda, observar a interação adjetivo/advérbio qualitativo em contextos nos quais o adjetivo perde propriedades morfológicas e expande sua funcionalidade, subcategorizando verbos *detransitivizados* e atribuindo-lhes uma circunstância de modo. Mostrei que o processo de regularização do adjetivo com valor adverbial ainda não está concluído, o que se manifesta, sobretudo, no comportamento morfológico do adjetivo nesse funcionamento semântico-discursivo.

Por fim, procedi a uma discussão sobre como a questão da fluidez entre as duas categorias foco deste artigo pode ser mais produtivamente tratada em sala de aula da Educação Básica. Destaquei a relevância de se trabalhar com a ideia de um *continuum* categorial em que se situam elementos mais ou menos representativos de cada classe. Além disso, tratei da consideração dos casos ambíguos em que elementos se mostram como híbridos, com uma classificação flutuante. Essas considerações permitem um estudo mais amplo dos fatos da língua e oportunizam uma aproximação com a realidade linguística do aluno.

Referências

BARLOW, M.; KEMMER, S. (Eds.). **Usage based models of language**. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

BRINTON, L. J.; TRAUOGOTT, E. C. **Lexicalization and language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BYBEE, J. Usage-based theory and grammaticalization. In: NARROG, H.; HEINE, B. (Eds.). **The Oxford handbook of grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 69-78.

_____. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. From usage to grammar: the mind's response to repetition. **Language**, v. 82, p. 711-733, 2006.

CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

_____. **Explaining language change**. Harlow: Longman Linguistic Library, 2000.

_____.; CRUSE, A. **Cognitive linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). **Banco Conversacional de Natal**. Natal: EDUFRN, 2011.

_____. (Org.). **Corpus Discurso e Gramática** – a língua falada e escrita na cidade do Natal. Natal: EDUFRN, 1998.

_____.; BISPO, E. B. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso. **Revista do GELNE**, v. 15, n. 1/2, p. 49-75, 2013.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. (Orgs.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EDUFRN, 2007.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso e ensino de português. **Gragoatá**, Niterói, n. 36, p. 80-104, 2014.

GIVÓN, T. **Syntax: an introduction**. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GOLDBERG, A. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

ILARI, R. et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. T. (Org.). **Gramática do português falado: a ordem**. São Paulo: UNICAMP/FAPESP, 1996. p. 63-142.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: UCP, 1987.

MARTELOTTA, M. E. Advérbios – conceito e tendências de ordenação. In: OLIVEIRA, Mariangela R.; CEZARIO, M. M. (Orgs.). **Adverbiais: aspectos gramaticais e pressões discursivas**. Niterói: Editora da UFF, 2012, p. 13-96.

_____. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

NEVES, M. H. de M. **Gramática na escola**. Contexto: São Paulo, 1990.

ROSCH, E. H. Principles of categorization. In _____.; LLOYD, Barbara B. (Eds.). **Cognition and categorization**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1978, p. 27-48

_____. Natural categories. **Cognitive Psychology**, v. 4, p. 328-50, 1973.

SILVA, J. R. Adjetivação e gêneros discursivos: uma proposta de contribuição à leitura e à produção de textos. Trabalho apresentado no **VI SIGET**. Natal: UFRN, 2011.

TAYLOR, J. R. **Linguistic categorization**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1995.

TRAUGOTT, E. C. Exaptation and grammaticalization. In: AKIMOTO, M. (Ed). **Linguistics studies based on corpora**. Tokyo: Hituzi Syobo Publishing Company, 2004, p. 133-156.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

_____. (Eds.). **Gradience, gradualness and grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 2010.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

VIDAL, R. M. B. **As construções com adverbiais em *-mente***: análise funcionalista e implicações para o ensino de língua materna. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem), Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal: UFRN.